

A UNIVERSIDADE BRASILEIRA FACE AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E ÀS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Theresa Catharina de Góes Campos
(Professora da Universidade Nacional de
Brasília—UnB)

Introdução

Este pequeno ensaio — uma contribuição bem pessoal — sobre a universidade brasileira pretende ser um diálogo informal, despertando outras opiniões e criando novas idéias, sejam estas contrárias, paralelas ou, simplesmente, originais. A temática geral está inserida dentro de uma realidade universal — o progresso vertiginoso dos meios de comunicação de massa, assim como no contexto dramático e onipresente das relações internacionais.

Como sempre, porém mais do que em qualquer outra época, a sobrevivência apresenta-se como a questão humana fundamental. Mais do que nunca, a sobrevivência não pode ser considerada em termos individuais — depende do êxito da comunicação (diplomática, política, jornalística, pedagógica...).

As grandes falhas encontradas no ensino superior do Brasil resultam, sobretudo, de dicotomias e defasagens com referência à sociedade brasileira como um todo, parte de uma situação global.

A originalidade deste trabalho — tanto na forma quanto no conteúdo — está visível no seu esquema, enfim, no seu roteiro pluridimensional. Em linguagem simples e acessível, e num estilo direto, como praticado nas redações de jornais e revistas e nos estúdios, destacaremos fatos e valores, utilizando os parágrafos como recursos semelhantes aos empregados pelas câmeras de cinema e televisão. Citaremos não somente livros como entrevistas, informes da imprensa, peças de teatro, produções cinematográficas e programas de televisão. Isto porque consideramos que, na época contemporânea, a bibliografia convencional mostra-se insuficiente e, se for tomada isoladamente, fora da realidade.

Que os “flashes”, as marcações de cena, os “clips” e cortes de nosso texto levem a leituras mais profundas, inspiradoras de atitudes vivificadoras para com a universidade. Reflitamos juntos nesta dissertação de panorâmicas, grandes planos e detalhes (“close-ups”).

Por mais que os problemas nos pareçam difíceis de resolver, a competência profissional e a criatividade humana oferecerão sugestões, alternativas, opções as mais variadas.

Da mesma maneira que os artistas, os diplomatas e os repórteres nunca aceitam desistir, nós também precisamos confiar em dias melhores para o ensino, malgrado todas as deficiências.

O professor, escritor e dramaturgo Ariano Suassuna nos diz, em uma das falas de sua peça de teatro intitulada “A Pena e a Lei”:

– “Vamos ver se consigo acentuar a extraordinária significação da virtude da esperança. Sempre me impressionou a tremenda importância que se dá ao pecado do desespero. Está certo, mas se é assim, se o desespero é coisa tão grave, a esperança deve ser algo de virtude maravilhosa, pois é o contrário dele.”

Impulsionados a reformar a universidade, nosso parâmetro será o de Dermeval Saviani: “A defesa do ensino público, buscando articulá-lo com os interesses das camadas populares é algo que tem constituído a tônica de meu esforço teórico e prático.” (“**Ensino Público e Algumas Falas sobre a Universidade**” – SP, Cortez, 1984).

Visando a conscientizar, a sensibilizar a opinião pública em prol de uma educação autêntica, escolhemos matérias divulgadas pelos meios de comunicação social, sobretudo como reforço às opiniões de especialistas e estudiosos.

Em 1808, Hipólito da Costa, na Inglaterra, apresentava o seu **Correio Braziliense** com o seguinte editorial:

“O primeiro dever do homem em sociedade é ser útil aos membros dela; e cada um deve, segundo as suas forças físicas e morais, administrar, em benefício da mesma, os conhecimentos ou talentos que a natureza, a arte ou a educação lhe emprestou.”

Recordemos o que escreveu Paul Claudel, em sua peça teatral “O Anúncio feito a Maria”:

– “Viver para si não é viver. De que vale a vida, senão para ser dada ?”

Afinal, mais de um bilhão de analfabetos esperam pela nossa atuação. Um bilhão e meio de seres humanos, vítimas da fome e da subnutrição crônicas, aguardam que façamos algo. E as principais vítimas da fome são mulheres e crianças. Os pequeninos constituem 40% dos subnu-

tridos de todo o mundo. Nos países em desenvolvimento, a porcentagem de crianças subnutridas alcança um total de mais de 50%. Não podemos continuar a nos omitir !

1. CONCEITOS COMO PONTO DE PARTIDA

1.1. Universidade e sociedade

Tendo surgido da sociedade, o ensino superior vem ignorando, negligenciando as suas origens, o que representa uma traição a seus objetivos comunitários. Se é verdade que nem todos precisam freqüentar uma universidade, também é verdade que o povo, financiando direta ou indiretamente os cursos universitários para as minorias privilegiadas, tem o direito de exigir benefícios e serviços decorrentes dos mesmos. A necessidade de divulgação dos conhecimentos surge, então, como uma forma de democratização do ensino.

“Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas originais; significa também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, ‘socializá-las’ por assim dizer; transformá-las, portanto, em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral. O fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente, é um fato ‘filosófico’ bem mais importante e ‘original’ do que a descoberta, por parte de um gênio filosófico, de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais” (GRAMSCI, A. **Concepção dialética da História**. Rio, Civilização Brasileira, 2. ed., 1978).

Os disseminadores de informações tanto podem ser representantes da erudição como violeiros e artistas de mamulengo; membros das elites, como fotógrafos amadores, repórteres e cinegrafistas profissionais, dramaturgos, cineastas etc.

Lembre-mos de que, durante a Idade Média, a cultura era transmitida oralmente, “na poesia e no canto dos trovadores e jograis. Até o século XI, as notícias difundiam-se pelas cantilenas — estrofes breves, meios líricas, meio narrativas — que teriam seu conteúdo aproveitado na composição de ‘gestas’ e canções. Peregrinando por vilas e castelos, os jograis, ao lado do lirismo das baladas e pastorelas, dos ‘lais’ e cantigas de amor e de amigo, entoadas ao som de violas, sanfonas, saltérios, alaúdes, cantavam e recitavam ‘gestas’, contos satíricos, inspirados em discórdias e agitações, verdadeiras gazetas rimadas.

Viajavam de castelo em castelo, transmitindo as notícias através de conversas, canções e poemas. Ouvidos pelos reis, bem como pelas pessoas que trabalhavam ou viviam nos feudos, os trovadores difundiram

bonitas lendas, músicas românticas, histórias épicas... e também as críticas ao absolutismo dos monarcas. Homens alegres, tinham a audácia de ser livres. Cantavam as virtudes do cavaleiro e sua amada, compunham versos sobre a honra e a coragem.

Impressionante o fato de homens ignorantes como eles terem exercido um papel político na Inglaterra do século XIII. Suas canções foram crescendo em audácia (...) passaram depois a tomar partido, intervindo nas questões de interesse da coletividade e ameaçando a ordem estabelecida, que por vezes se arriscavam a atacar diretamente." (CAMPOS, Theresa Catharina — **O progresso das comunicações diminui a solidão humana?** — Rio, Lidorador, 1970).

Em 1671, o Governador da Virgínia (Estados Unidos) afirmou: "Graças a Deus não temos escolas livres, nem tipografias e espero que nestes cem anos não venhamos a tê-las. Porque o saber gerou a desobediência, a heresia e as seitas no mundo; e a imprensa tem divulgado essas coisas e calúnias contra o governo. Deus nos livre de ambas."

Impresso num prelo manual saiu o primeiro jornal dos Estados Unidos da América, no dia 25 de setembro de 1690 — o **Public Occurrences (Ocorrências Públicas)** constava de quatro páginas do tamanho de uma lauda, sendo que apenas três eram impressas. A página em branco destinava-se ao que os leitores desejassem escrever, antes de passar adiante o seu exemplar, acrescido das notícias de que tinham conhecimento.

Não será esta página em branco que está faltando circular em nossos estabelecimentos de ensino superior?

Ao contrário do que é preconizado pela educação "bancária", esse espaço aberto, criativo, concedido ao público, faz parte da educação problematizadora, defendida por Paulo Freire (**Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1975). Ele explica de que maneira a prática da dominação se expressa no ensino bancário:

- o educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- o mestre é aquele que sabe; os alunos, os que nada sabem;
- o professor pensa; os estudantes, não;
- o educador fala; os educandos, ouvem docilmente;
- o mestre disciplina; os alunos são disciplinados;
- o professor opta e prescreve a sua opção; seus estudantes seguem a prescrição;
- apenas o educador atua, enquanto os alunos têm a ilusão de que atuam, na atuação do mestre;
- o professor escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;

– o educador identifica a autoridade do saber com a sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos estudantes, que devem se adaptar às determinações daquele;

– o mestre é o sujeito do processo, e os educandos, meros objetos;

– a prática do ensino bancário implica numa espécie de anestesia, numa imersão das consciências;

– a única margem de ação que se oferece aos alunos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Aliás, os grandes arquivados são os homens;

– trata-se de uma visão distorcida da educação: não há criatividade, não há transformação, não há saber;

– em lugar de se comunicar, o professor faz “comunicados” e depósitos que os estudantes recebem pacientemente, memorizam e repetem;

– refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a “educação bancária” mantém e estimula as contradições e os conflitos.

A situação muda, apresentando um relacionamento bem diferente entre professor e alunos, quando se adota a educação libertadora ou problematizadora, de acordo com as reflexões de Paulo Freire. O ensino é um ato cognoscente (e não aquela atitude de narrar, depositar, transferir ou transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes...). Está a serviço da libertação. Os educandos são investigadores críticos, em diálogo com o mestre, investigador crítico também.

– De caráter altamente reflexivo, “implica num ato constante de desvelamento da realidade”;

– busca a emergência das consciências, de que resulte a sua inserção e contribuição críticas na realidade cotidiana;

– educação como prática da liberdade, pois fora da busca, fora da *praxis*, os homens não podem ser;

– se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los, ou mantê-los alienados;

– só existe saber na invenção, na busca inquietante, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também.

A razão de ser da educação libertadora está no seu impulso inicial conciliador. A missão é libertar o pensar pela ação dos homens uns com os outros, na tarefa comum de refazerem o mundo e de torná-lo mais e mais humano.

— O saber não é uma doação dos que se julgam sábios aos que pensam nada saber;

— um educador humanista, revolucionário, identifica-se logo, solidariamente, com seus alunos, no sentido da humanização de ambos;

— o mestre faz-se um companheiro de seus educandos, em suas relações com estes;

— “os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”; somente na comunicação a vida humana tem sentido.

1.2. A filosofia como reflexão crítica face aos meios de comunicação de massa

No Egito Antigo, a maioria dos desenhos tinha um objetivo político. Num dos mais conhecidos, uma gazela se entretém com o leão num jogo parecido com o xadrez; o leão, antes que a partida termine, arrebatava a aposta.

Supõe-se que a gazela simboliza os cidadãos indefesos que se arriscam a jogar com os poderosos, no caso, o faraó Ramsés II.

Uma outra caricatura mostra um gato astuto que conduz um bando de patos inocentes.

Um monumento tebano também registra o vício de mulheres da alta sociedade, numa composição talhada: depois que beberam em excesso, algumas senhoras pedem às suas escravas que as auxiliem a ficar de pé, enquanto outras são atendidas em sua agonia.

A Filosofia define-se como uma apreensão da realidade; uma atitude de reflexão crítica, de questionamento diante da vida, da realidade cotidiana e das perguntas metafísicas cujas respostas se encontram “Além da Imaginação.” Esta série da TV estadunidense, de sucesso internacional (“The Twilight Zone”), tem como mérito principal o de focalizar assuntos não-resolvidos porque difíceis, complexos, pluridimensionais.

Características igualmente complexas assinalam a universidade brasileira. Embora se apresente como uma unidade independente, não está imune às influências poderosas dos meios de comunicação de massa, que afetam a sociedade como um todo, em nível nacional e internacional. Caso se torne consciente da situação, o ensino superior precisa manter a sua autonomia acadêmica, ficando “de cabeça-fria” diante dos sensacionalismos, dos relatos parciais ou tendenciosos. Deve ser independente, portanto, face às pressões da opinião pública quando moldada pela mídia... mas não insensível...ou surda a seus apelos insistentes. Para não ser elitista, a educação universitária precisa se manter bem informada sobre o meio-ambiente sócio-político-econômico. Conscientizada, sim, e não uma

vítima inconsciente de uma lavagem cerebral disfarçada, ou de uma dispersão de objetivos e valores confusos.

Através do ensino e da pesquisa, a universidade tem condições de empregar inteligentemente os meios de comunicação de massa, sem perder sua consciência para eles. Guiados pela filosofia, os educadores e seus educandos podem exercer uma atuação livre, criadora, **atualizada**.

Melhor do que ninguém, a liderança universitária pode detectar os problemas que afligem a coletividade, além de oferecer possíveis soluções, a longo e a curto prazos, todas bem fundamentadas nos resultados de estudos especializados.

Ao contrário do grande público, em geral desinformado diante do jornalismo falado, escrito e audiovisual, o corpo docente e discente das faculdades deveriam adotar a reflexão filosófica como exercício diário face às notícias e programas oferecidos.

Ao mesmo tempo, estudantes, mestres e pesquisadores não têm o direito de ignorar as advertências apregoadas, principalmente quando nos lançam ao rosto que temos 7 milhões de crianças — de 7 a 14 anos de idade — fora da escola ! E 30 milhões de analfabetos com mais de 10 anos, além das taxas elevadíssimas de evasão e repetência nas séries iniciais do ensino de 1º grau. Afinal, somos campeões quanto ao índice baixíssimo de escolarização — o mais baixo, em toda a América Latina !

Em mensagem transmitida em cadeia de rádio e televisão, o Papa João Paulo II lançou a Campanha da Fraternidade de 1985 — “Pão para quem tem fome” — dizendo, entre outras coisas: “(...) é necessária uma transformação de estruturas, o que implica na profunda conversão das mentes, vontades e corações para a verdade e dignidade de cada pessoa.”

1.3. As relações internacionais e sua influência constante

A interdependência dos países tem aumentado do mesmo modo como cresce o progresso dos meios de comunicação social. A autonomia de cada nação tornou-se, por conseguinte, relativa.

Sabemos que a universidade, para cumprir a sua missão, necessita de liberdade acadêmica. Se as pressões existem até nas sociedades industrializadas, são bem maiores nas nações em desenvolvimento. Os acordos firmados entre países do Primeiro e do Terceiro Mundo despertam críticas freqüentes, não escapando a acusações sérias de suborno camuflado e provocando conseqüências desastrosas para o ensino superior no Brasil.

Naturalmente, acreditamos na validade da cooperação internacional, sobretudo quando colocada em termos de parceria democrática. Sem recursos para um desenvolvimento livre de vínculos

externos, o Brasil carece de uma universidade preparada para assumir seu papel desenvolvimentista.

O *Correio Braziliense* publicou, a 20 de fevereiro de 1985, um artigo de Ana Maria Mendonça, intitulado: "Um Plano para resgatar a educação brasileira." Suas palavras merecem destaque: "(...) A crise da universidade brasileira, isolada do desenvolvimento, ociosa no seu maior potencial, no seu mais nobre patrimônio que são os cérebros, a capacidade de seus cientistas e pesquisadores. Falta-lhe recursos para a pesquisa, não lhe tem sido permitido espaço para participar ativa e efetivamente do desenvolvimento nacional."

E a causa apontada para esse quadro caótico da educação foi a falta de recursos. Mas perguntaríamos: não houve recursos para construir Itaipu (20 bilhões de dólares), para construir Tucuruí (12 bilhões de dólares), para as usinas nucleares (25 bilhões de dólares), para o pacote das telecomunicações (14 bilhões de dólares) ? Mas houve também recursos, dinheiro do povo, para pagar os rombos das cadernetas privadas de poupança (Capemi, Colméia, Economisa, Vitória-Minas). E certamente, sem que o povo ou os seus representantes sejam consultados, será coberto com o dinheiro do povo o rombo da Sunamam, agravando esse quadro de irresponsabilidade e impunidade que preocupa toda a Nação.

Há 18 anos a educação brasileira foi deixada órfã, pelo ato do então ministro do Planejamento, Roberto Campos, que, incumbido da redação do texto econômico e social da Constituição de 1967, dele banuiu o dispositivo incorporado à Carta Magna de 1946 e que consagrava a destinação de 10% da receita tributária da União à educação. E de 1967 até nossos dias, mesmo com a aprovação da Emenda Calmon em 1983, à educação tem sido destinada fatia ínfima do orçamento federal, num percentual sempre inferior a 5%. Isso, num País de 60% de população jovem, onde reside a esperança do nosso futuro.

E as carências da Educação são de tal ordem que nos levam a reivindicar já em 1985 a aplicação integral da Emenda Calmon e que a Educação seja prioridade no Governo de Tancredo Neves. Há necessidade que se faça um continuado esforço nacional por não menos de 20 anos para colocar a educação brasileira de pé, crescendo-lhe, a partir de 1986, além dos 13% da Emenda Calmon mais 10% dos recursos orçamentários federais. "(...) A educação é a alternativa para a redução das grandes desigualdades e paradoxos. Sem ela, não teremos nunca um Brasil livre, sério, democrático, desburocratizado, progressista e inteligente."

Pensamentos idênticos são expressos por Betty Antunes de Oliveira, ao concluir que "(...) a educação não se processa isoladamente dos demais fatores constitutivos do todo societário (o **bloco histórico**), mas é dele parte integrante e indispensável." (*O estado autoritário brasileiro e o ensino superior* . São Paulo, Cortez Editora, 1980).

Entrevistada pela imprensa mundial, a chefe do governo britânico, Margaret Thatcher, reconheceu a "grande influência que a economia dos Estados Unidos exerce em todas as nossas economias." Disse ainda que os países industrializados têm a obrigação de ajudar as nações do Terceiro Mundo, que "precisam de nossos mercados da mesma forma como precisamos dos seus. Não podemos aconselhá-las a adotarem ajustes econômicos que nós nos negamos a praticar em casa."

Quanto mais crescemos em termos culturais, mais nos conscientizamos sobre a comunidade das nações e seus problemas comuns.

Mas o protecionismo dos países desenvolvidos aumentou, e o Brasil sofre, desde 1980, uma grande perda nas relações comerciais internacionais, havendo a conseqüente deterioração dos preços dos nossos produtos de exportação e aumento nos produtos de importação.

Cabe à liderança universitária enxergar tal injunção econômica para compreender seus reflexos no ensino superior brasileiro.

Luís Antonio Cunha, em sua obra *A Universidade Crítica* (Ed. Francisco Alves, 1983), lembra que "os países da Europa forneceram os principais paradigmas, até o fim do Estado Novo. A partir daí, as universidades norte-americanas constituíram os modelos incontestes, festejadas pelo prestígio decorrente da contribuição tecnológica que deram ao esforço de guerra da maior potência dos anos 40." Continuando, diz ainda, no mesmo Capítulo IV: "À medida que o processo político se radicalizava, já nos anos 60, alguns defensores do desenvolvimentismo voltaram-se contra a modernização, para eles um instrumento de dominação imperialista."

Confiamos, todavia, que a universidade poderá vir a utilizar as relações internacionais como um recurso valioso, inclusive a favor dos interesses nacionais de segurança.

1.4. O ensino superior no Brasil e sua responsabilidade social

Os intelectuais têm, quase naturalmente, uma posição de liderança na comunidade. Quando estão ligados a grupos dominantes, de forma direta ou indireta, elaboram uma ideologia que representa a sua concepção do mundo, assim influenciando toda a vida cultural da sociedade. Suas idéias são difundidas através dos meios de comunicação e entidades diversas, o que produz um consenso "espontâneo."

Ora, apesar de seu intelecto, "nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais" (GRAMSCI, *A. Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976), embora toda atividade humana, por mais "manual" que seja, inclua pelo menos um mínimo de características intelectuais.

“A moderna concepção da teoria e da prática pedagógica, segundo a qual a relação entre mestre e aluno é uma relação ativa, de vínculos recíprocos e, portanto, cada mestre é um aluno e cada aluno, mestre. Mas a relação pedagógica não pode ser reduzida às relações especificamente “escolares” pelas quais as novas gerações entram em contato com as velhas e absorvem suas experiências e valores historicamente necessários, amadurecendo e desenvolvendo uma personalidade própria, histórica e culturalmente superior. Esta relação existe em toda a sociedade em seu conjunto e para cada indivíduo em relação a outros indivíduos; entre camadas de intelectuais e não intelectuais; entre governantes e governados; entre ‘elites’ e aderentes; entre dirigentes e dirigidos; entre vanguardas e corpo de exército.” (GRAMSCI, A. *El materialismo histórico y la filosofía de B. Croce*. México, Juan Pablos, 1975, p. 34.)

O povo brasileiro, diariamente lutando por sua sobrevivência, merece um ensino superior conscientizado e atuante quanto à responsabilidade comunitária da universidade. Qualquer planejamento educacional é afetado pelas condições econômicas, sociais e políticas presentes na América Latina.

Dá-se se conclui que o planejamento de ensino deve ser relacionado ao desenvolvimento econômico-social, e contribuir para uma melhor coordenação com os programas de ajuda externa. A educação, modelada por forças econômicas e sociais, também é um agente de transformação. Universidades que não assumem o seu papel na comunidade estão demonstrando a sua inutilidade; recusando dar sua contribuição à integração harmônica de todas as partes da sociedade.

O rápido desenvolvimento tecnológico identifica a demanda de informações e a necessidade de cooperação para facilitar o ajustamento social face às mudanças, contradições e conflitos. A educação está sendo reconhecida como um instrumento de crescimento e um fator importante na política nacional. As novas condições financeiras transformam o mercado de trabalho e, conseqüentemente, a natureza e o padrão das profissões. Por conseguinte, todas as camadas da sociedade se vêem na contingência de enfrentar também essas transformações, mesmo as que parecem vir de fora, de muito longe, ou não lhe tocar de perto.

A inter-relação de sociedade e educação é constante, ininterrupta, ocasionando mudanças nas classes/camadas sociais.

“Nos Estados, a proporção de gastos no ensino superior manteve-se praticamente inalterada em 8% no período 1965/70.” (Alberto de Mello e Souza – *Financiamento da educação e acesso à escola no Brasil*. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1979).

“Constatadas as desigualdades, pode-se indagar se existem mecanismos que atuam no sentido de abrandá-las. Além de um desenvolvi-

mento mais rápido nos Estados mais pobres, duas forças podem reduzir a desigualdade observada na formação de recursos humanos. Primeiro, as transferências federais podem ser distribuídas de maneira a favorecer esses Estados. Segundo, as migrações podem melhor distribuir o estoque de capital humano se os emigrantes dos Estados mais pobres têm menos escolaridade que os imigrantes." (*Ibidem*)

2. OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COMO MOTIVAÇÃO EDUCACIONAL.

As aquarelas de Debret — feitas no período de 1816 a 1831 — são consideradas a mais completa documentação do Brasil ainda colonial em muitos de seus costumes, mostrando a população do Rio de Janeiro em suas atividades e ocupações, bem como nos aspectos referentes à política e à religião. Um documentário didático de Rachel Sisson (Debret-Aquarelas do Rio — 16/35mm — cor-10' — 1972) constitui um recurso audiovisual a ser utilizado por mestres de disciplinas diversas como uma introdução, complemento ou conclusão de uma aula.

O mesmo podemos dizer da produção de Roberto Kahané — A Exposição da Independência (16mm — 17' — 1970), que documentou a mostra sobre o centenário da Independência do Brasil, realizada no Rio de Janeiro em 1922. Além da utilização de filmes da época, há "flashes" (cenas rápidas) da cidade e do povo.

2.1. A importância do Teatro

Na visão experiente dos Antigos, o teatro era interpretação/reflexão/expressão da vida, em todos os seus planos: divino e humano, espiritual e material. Os intérpretes não se apresentavam como indivíduos, mas como representantes do coletivo, trabalhando para fazer o público compreender a sua existência, o seu posicionamento, a sua circunstância — a vida, enfim, uma sucessão de cenas de comédias e tragédias. Os textos não eram apenas diálogos, mas gritos de alerta, convites à purificação (à catarse); não somente falas de personagens, mas lições de como aprender a viver melhor (e aprendizado para a morte também, e a vida além-túmulo !).

A Grécia não foi o berço do teatro porque o mesmo surgiu com o homem, ao tomar consciência de seu universo. É um ritual — mimético, religioso. Trata-se de uma pessoa que encarna alguém maior do que ela. Os autores clássicos do teatro grego escreveram sobre os indivíduos inseridos na coletividade, portanto, numa posição universal de humanismo.

A dramatização teatral mostra facetas da realidade, mesmo quando trata de aspectos metafísicos, pois estes são pensados a partir de

certos fundamentos, de raízes culturais, etc. Um povo que não relembra, que não representa a sua tradição, é um povo frágil, enfraquecido por falta de memória nacional, e que não poderá se defender do colonialismo porque não conhece o que irá defender.

E quando pensamos no fato de que o teatro da Grécia Antiga era apreciado por todas as classes sociais, inclusive o povo analfabeto, compreendemos o seu poder de penetração, vencendo até mesmo as barreiras intelectuais dos marginalizados do ensino formal.

O sambista que desfila no carnaval apesar de ter perdido a esposa querida constitui um exemplo de imortalidade do teatro e da arte em geral — em sentido cultural, ele não dança como indivíduo apenas: encarna o coletivo, uma força mais forte, além de si mesmo.

Os que visitam o Oráculo de Delfos encontram, acima da construção do Templo, o teatro — que representa a ação — e podem relembrar os conselhos que Fênix deu a Aquiles: “Não se esqueça de que o homem tem duas posições: a palavra e a ação.”

Este binômio da cultura grega deveria se constituir em meta a ser alcançada, tanto na educação quanto nas relações internacionais, áreas infelizmente assinaladas por uma dicotomia entre os valores formais proclamados e os reais, problema já estudado por mestres como Anísio Teixeira, Paulo Freire, Benno Sander e muitos outros.

Para aqueles que só conhecem uma visão contemporânea do teatro, causa espanto saber que se oferecia a cura através do teatro, num grande templo, em Epidauro. Nos dias atuais, tornou-se bem conhecido o método de psicoterapia em grupo que, utilizando a livre improvisação dramática, visa à catarse e ao desenvolvimento da espontaneidade do indivíduo: o psicodrama. Já existe também uma bibliografia especializada em ludoterapia — tratamento de doentes mentais por meio de brinquedos, jogos (esportivos, inclusive) e divertimentos. O Centro de Comunicações Sociais do Nordeste — CECOSNE — realiza um trabalho muito especial, envolvendo crianças com problemas de saúde física e/ou mental.

Utilizando desenhos, sons e jogos, e buscando desenvolver a criatividade de cada criança a ser alfabetizada — de 3 a 8 anos de idade — é a proposta do professor Antônio Leal, que há mais de cinco anos trabalha na favela da Rocinha, uma das maiores do Rio de Janeiro. Autor do livro *Fala Maria Favela*, dá assistência ao Projeto Interação, desenvolvido pelo Ministério da Educação e Cultura, em vários Estados, “com pais e crianças da periferia e de escolas públicas rurais e urbanas, onde a educação básica é desenvolvida, buscando novas formas para a fala e o aprendizado do homem oprimido.” Diz o Professor Antônio Leal: “o importante é a imaginação, a partir da qual o aprendizado fica mais fácil.” E ainda: “(...) que outros educadores se arrisquem também a fugir um pouco da pedago-

gia tradicional que, na realidade, não chega a atrair crianças da periferia." Classificou o ensino tradicional de "bastante repressor", agradando mais às classes média e alta, já que a educação, para estes segmentos da sociedade, se tornou um grande comércio. Por outro lado, as crianças carentes, mais criativas em razão de construírem seus próprios brinquedos, se sentem atraídas por sua proposta. Desenhos e jogos diversos, bem como a emissão de sons, despertam no educando o interesse pela formação das palavras. A visualização do objeto vem antes de tudo e, a partir daí, os sons das sílabas são pronunciados; em seguida, vem a alfabetização propriamente dita.

Quanto ao ensino superior brasileiro, a dramatização enfatizaria as prioridades de cada área, analisando, sintetizando, transmitindo e assimilando.

O dramaturgo Eurípedes, autor de tragédias como "As Troianas" e "Ifigênia", denunciou a ambição do poder, que prejudica toda a coletividade. Uma universalidade elitista, unicamente preocupada em obter privilégios sociais e econômicos, frustra-se a si mesma porque se individualiza, isolando-se cada vez mais da comunidade a que pertence. É preciso que se lembre constantemente, aos universitários, a sua missão universal, utilizando-se, inclusive, para tal conscientização, o instrumento imortal do teatro.

2.2 A sobrevivência do rádio

Quando do advento da televisão, foram muitos os que profetizaram o desaparecimento dos jornais e do rádio, porque ultrapassados pela "telinha mágica". Ora, mesmo nos países desenvolvidos continuaram a se multiplicar as estações de rádio, quer sejam comerciais ou educativas, dirigidas por grupos particulares ou minorias culturais. Alcançando populações isoladas, realizando funções de monitores e ajudando analfabetos a modificar sua condição, o rádio tem ainda muitas outras utilizações. Nações ricas e pobres continuam a prestigiar a comunicação pelo rádio porque este pode ser escutado ao mesmo tempo em que nos ocupamos de outras tarefas, em casa ou no trabalho. Na direção de qualquer veículo, a presença do rádio informa, diverte, contribui para manter o motorista alerta.

A colaboração de radioamadores com o Serviço de Busca e Salvamento da Força Aérea Brasileira, ou atuando sozinhos como um elo entre os comunicadores e os que precisam de uma ajuda qualquer, merece registro especial. Aliás, todas as estações radiofônicas, de frequências diversas, podem fazer parte integrante, se convocadas, de missões que beneficiem a comunidade. Basta um olhar rápido pelas programações de emissoras educativas para disso nos convenceremos sem maiores dificuldades/preconceitos. Muitos setores, inclusive os departamentos das universidades, conseguiriam melhorar a sua produtividade se utilizassem o rádio num esfor-

ção cooperativo que traria benefícios não só para o corpo discente como para os mestres.

No filme francês "Si tous les hommes du monde" (Se todos os homens do mundo), os tripulantes de um pequeno barco pesqueiro adoecem. Somente um soro do Instituto Pasteur poderia salvá-los. Através de um circuito de radioamadores, mobilizam-se algumas pessoas que, aos poucos, vão ampliando o âmbito de ação, até que, dentro do curto prazo, umas poucas horas, o soro cai nas proximidades do barco, jogado de um avião. Apenas um dos tripulantes, o único que não provara o alimento envenenado, continua de pé. Ele era justamente o elemento desprezado pelos demais e que, afinal, se atira nas águas geladas do Mar do Norte para recolher a vacina. Irene Tavares de Sá, ao comentar esta película em seu livro **Cinema e Educação** (Rio de Janeiro, Editora Agir, 1967), diz ainda: "A simplicidade, o realismo e o suspense imprimem intensidade dramática ao filme, ao mesmo tempo que por ele perpassa um grande sopro de solidariedade humana. Indivíduos de diferentes nacionalidades, importantes companhias de aviação, um jovem radioamador de Paris, um cego de guerra em Berlim, civis e militares, homens e mulheres, todos se movimentam a fim de salvar um punhado de vidas humanas — e o conseguem, após denotados esforços. Efeitos especiais dão-lhe um tom de documentário elaborado, repleto de indícios sugestivos, realçados por uma simbologia eficaz. Quantas lições para os adolescentes, que despertam para os problemas mundiais !" Se Todos os Homens do Mundo "focaliza o heroísmo anônimo, apagado, demonstrando o que poderia ser o panorama mundial, se houvesse um pouco mais de boa-vontade entre os homens."

Incentivadora de cineclubes, Irene Tavares de Sá considera o filme citado como de mentalidade humanista, "com um tema que representa, por si mesmo, uma unidade didática, estimulante e inspiradora para a juventude." (**Cinema e Educação**, Rio de Janeiro, Agir, 1967).

Falamos aqui sobre o cinema porque, nos dias atuais, o rádio não está isolado nas suas produções. Diretores de sucesso realizam filmes trabalhando em conjunto com a Rádio e a Televisão de seus respectivos países. Estão nesse caso: "La Traviata" (de Franco Zefirelli); "A Batalha da Argélia", de Gillo Pontecorvo; "La Nave Va" e "Ensaio de Orquestra" de Federico Fellini; "Carmen"; de Carlos Saura; e as películas do cineasta canadense Norman Maclaren, do Canadian Film Board, para citar apenas uns poucos exemplos.

2.3. A ressurreição do cinema

Na sua defesa de tese — "O Cinema como Objeto do Direito" (Rio de Janeiro, 1953), Manuel Cavalcanti afirmou: "Para qualquer espectador deslumbrado com as primeiras exibições do cinematógrafo há

pouco mais de meio século, teria sido inimaginável o destino desse aparelho, que, na opinião dos seus próprios inventores, os irmãos Lumière, não passava de simples curiosidade científica. O que se encerrava potencialmente naquela pequena máquina ninguém podia prever, e só com o passar dos anos é que se viu como se foi impondo à humanidade, não apenas como o espetáculo preferido dos povos, ou fonte de crescentes interesses econômicos, mas principalmente como veículo incomparável do pensamento.

Poderoso instrumento de cultura, cedo transformou-se num meio original e privilegiado de expressão, através do qual as idéias e os sentimentos se externam com uma riqueza de possibilidades que nenhuma outra forma de comunicação humana possui.

A universalidade do cinema explica o fabuloso desenvolvimento de sua indústria."

Com o advento da televisão, não foram poucos os que profetizaram que seria o fim do interesse popular pelo cinema. Houve mudanças, é certo, mas os filmes se aperfeiçoaram com o progresso da técnica e as produções do passado continuaram a ser admiradas.

Atualmente, com o advento do vídeo-cassete, o cinema que se faz presente diariamente nos receptores de TV ganhou uma dimensão múltipla no tempo e no espaço.

Por que não utilizá-lo, cada vez mais, como instrumento de questionamento filosófico e recurso pedagógico ?

O filme "Muda Brasil", produzido por Paulo Thiago e dirigido por Oswaldo Caldeira, foi saudado por Tancredo Neves com palavras encorajadoras: "Vocês estão documentando, com heroísmo, a história contemporânea do Brasil."

Por outro lado, ficção e realidade se unem, em "A Difícil Viagem", do professor Geraldo Moraes, e apresentam uma visão sócio-política da Região Centro-Oeste, com seus tipos humanos bem característicos. A câmera traz ao público a pobreza e o analfabetismo de seus irmãos esquecidos, lembrados por alguns políticos somente antes de eleições.

Em abril do corrente ano, o cineasta Nelson Pereira dos Santos ("Vidas Secas", "Memórias do Cárcere", "O Amuleto de Ogum", e muitos outros) concedeu entrevista à imprensa, na Casa da América Latina, em Paris, afirmando, entre outras coisas, que "(...) ainda há muito que dizer, usando a câmera como ferramenta, sobre a vida e a realidade do Brasil (...)".

O crítico Vicent Canby, do **New York Times**, classificou o filme de Eduardo Coutinho - "Cabra Marcado para Morrer", que estreou em um festival no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, como "uma

obra sem paralelo na cinematografia", "um documentário provocante, único em seu gênero", que "pode ser considerado tanto um ensaio sobre os últimos vinte anos de política brasileira como cinema testemunhal."

E Que Dizer Dos Filmes Que Ainda Não foram Produzidos Ou Mesmo Concebidos Como Idéias e Argumentos ? !

Procura-se uma equipe cinematográfica ainda por estreitar... Estará escondida, tímida ou sem estímulo, sem motivação, nas universidades brasileiras — cursos de graduação, mestrado e doutorado — capaz de dramatizar numa película (em cores ou p/b; em 16mm ou 35mm — com som direto ou "playback"...) — as palavras do sociólogo, professor e vice-presidente do grupo Unibanco, Marcílio Marques Moreira (Ver o **Correio Brasiliense** de 3/3/85 — pág. 15). Ele defendeu a tese do resgate da dívida social — a dívida do Brasil para com a nutrição, vestuário e calçado, saneamento básico, saúde pública, educação, habitação, transporte e emprego de seu povo. Diz que o resgate é possível, citando estudo do Banco Mundial, que estabelece em 25% ao ano o retorno dos investimentos em educação, saneamento básico, infância e demais itens. Isto é, em quatro anos, o investimento está pago."

"Com um esforço relativamente pequeno, em relação às grandes obras feitas no passado há condições de atender às necessidades básicas, até o final do século, comprometendo-se de 4 a 5 por cento do produto interno bruto. Poderíamos, então, erradicar a pobreza absoluta do Brasil, que é um escândalo. Nenhum programa é mais rentável do que o de nutrição. Porque a mortalidade infantil é um desperdício, não só em perdas de vidas humanas — muito cruel diante dos direitos fundamentais da pessoa humana — mas também um grande desperdício de recursos. Nossa renda per capita, comparada com a de Sri Lanka, é sete vezes maior. Nosso nível de mortalidade infantil é brutal", declarou Marcílio Marques Moreira.

Não é difícil perceber que uma reforma universitária deve ser formulada considerando-se a realidade desse contexto social do país. O mesmo se pode dizer quanto à política externa.

2.4. A TV onipresente

Concebida fantasticamente por Jules Verne, e objeto de previsões futurísticas nas obras de ficção científica de Aldous Huxley, Ray Bradbury e George Orwell, a televisão caracteriza a nossa época, quando somos atraídos — quase de modo hipnótico — pela magia e pelo encanto de sua imagem e som tão próximos de nós.

No livro **Televisão Educativa**, George Gordon afirmou: "(...) a televisão educativa, através dos seus programas, pode tornar-se tão importante para a educação como o foi a invenção dos tipos móveis para a produção de livros em massa."

Observemos também que, na época em que vivemos, quando a técnica e a ciência evoluem numa assombrosa rapidez, as informações contidas nos livros estão sempre em atraso. Daí a posição informativa que assume a televisão, face ao pouco tempo que requer, para documentar e apresentar os fatos ao público.

A TV-Educativa, em razão de não colocar os interesses comerciais acima dos valores culturais, não deixa de exercer grande influência. Em geral, seus telespectadores podem ser considerados uma "elite" e, como tal, influem na comunidade. A esse respeito, George Gordon cita a opinião de Wilbur Schramm: "Quanto mais poder pessoal tem um indivíduo, tanto mais tende a ser adepto da televisão educativa... Portanto, há uma boa razão para se acreditar que a audiência da televisão educativa contém uma proporção, além da habitual, de líderes influentes e de opinião. Através deles, as estações educativas podem estar distribuindo as suas informações e exercendo sua influência muito além do círculo restrito dos seus espectadores." (*Ibid*)

Sendo nossa população tão jovem, despertemos para a verdade — tanto quanto a propaganda comercial, os programas de violência, de tão repetidos, "terminam por criar usos e costumes." Juntamente com Eve Merriam, em artigo que escreveu para a revista **Ladies Home Journal**, de New York, perguntemos: "Que acontecerá a uma geração de crianças educadas com a idéia de que a violência é uma forma de divertimento ? Não sabemos responder, porque as crianças de hoje são cobaias."

Vale a pena registrar também que a pesquisa científica tem sido divulgada aos telespectadores dos mais diversificados níveis culturais através de programas seriados do mais alto gabarito, como, por exemplo, "COSMOS", oferecido este ano ao público brasileiro pela TV-Globo. O público recebe informações valiosas como as que citaremos a seguir, extraídas de uma apresentação de "COSMOS".

"(...) As baleias estabeleceram, há dois mil anos, um canal mundial de comunicações. Hoje, as atividades humanas impedem até que as baleias se comuniquem entre si. As baleias querem apenas ser deixadas em paz, para cantar suas canções. Não são monstruosos os homens que querem matá-las para fazer rações para cães e até batom ? !"

"Cada célula (de nosso corpo) é uma biblioteca completa de informações sobre o nosso corpo — informações precisas, redundantes, sobre como funciona, como sorrimos, como tiramos energia da comida etc."

"A biblioteca do cérebro é formada por livros de folhas soltas, e nós estamos constantemente adicionando novas folhas."

"O homem não é o único animal com sentimentos. Alguns animais têm sentimentos. O que distingue o homem é o pensamento."

Os noticiários da TV divulgam estatísticas que merecem ser estudadas em profundidade.

— “Segundo a Organização Mundial da Saúde, 100 milhões de pessoas sofrem de depressão. (...) Abraham Lincoln, Jean-Paul Satre e Marilyn Monroe sofreram depressão. (...) Hoje podemos distinguir entre depressão orgânica e depressão psicológica.”

Considerando o tamanho e a população do Brasil, a TV se apresenta como um dos recursos mais poderosos a ser devidamente utilizado pelo serviço público em sua caminhada rumo às metas desenvolvimentistas. Assumindo uma atitude crítica, o que pensam sobre o assunto os educadores? A TV tem cumprido a sua missão? Educa ou deseduca? É positiva ou negativa? Tem elevado ou rebaixado o nível da mentalidade de nosso povo? Tem contribuído para aumentar nossa capacidade de raciocínio, de escolha, de análise, de compreensão, de interpretação dos fatos? **Tem sido ignorada pelo ensino superior no Brasil?** Finalmente: a TV tem nos tornado mais humanos, mais justos, conscientes do que são nossas obrigações?

3. Conclusões pessoais

3.1. A filosofia na educação: dispensável ou essencial?

Surgiu de um questionamento filosófico a minha constatação — despertada pelos depoimentos de mestres e estudiosos do assunto — de que a universidade brasileira está **fora da realidade**. Ora, sabemos que o pensamento distingue o homem dos outros animais. Quando falamos no pensamento, queremos dizer uma atitude crítica, pessoal, criativa e original. Não se trata apenas de conhecer o que nos é dado, informado e divulgado.

A Filosofia é essencial à nossa educação porque nos capacita a exercer uma postura inteligente, a formular perguntas e buscar novas respostas, opções ou alternativas. Sem a reflexão filosófica, seríamos meros imitadores, simples repetidores de notícias antigas ou não verificadas. Não haveria progresso, apenas imitação.

3.2. As relações/pressões internacionais: ajuda, obstáculo ou tutela?

Seríamos ingênuos se pensássemos conseguir o desenvolvimento sem contar com o auxílio de outros países. Estaríamos agindo como simplórios se aceitássemos ajuda financeira e/ou técnica sem refletir em suas implicações de política nacional/internacional. A postura inicial deverá ser independente, mas consciente das circunstâncias e deficiências

brasileiras, sobretudo com o propósito de considerar o ensino brasileiro como um dos instrumentos de nossa libertação do subdesenvolvimento. Canalizando o máximo de recursos para a universidade, teremos habilitação para escolher entre os muitos programas que nos são oferecidos, sabendo recusar os projetos que significariam apenas uma tutela inaceitável e superar os obstáculos encontrados até mesmo nas alternativas válidas.

3.3. Os meios de comunicação social: para deformar ou educar ?

Por considerar que a universidade brasileira está fora da realidade nacional e internacional é que proponho a sua inserção na realidade global dos meios de comunicação de massa e das relações internacionais.

O ensino superior constitui uma área fundamental para o futuro do Brasil e dizer isto não deve ser interpretado simplesmente como expressão retórica. Intimamente ligado ao desenvolvimento de nosso país, responsável por políticas e ações empreendidas pelos que ocupam as mais diversas funções do serviço público e privado, do sistema educacional depende o amanhã de todos nós. Tudo que se fizer pelo seu bom andamento, para aumentar a produtividade quantitativa e qualitativa do mesmo, refletirá de modo quase imediato na realidade de nosso dia-a-dia. De seu êxito — local, regional, estadual, nacional — poderão surgir, inclusive, posições de sucesso no cenário internacional.

Falando do ensino de maneira geral, corremos o risco de esquecer que lidamos com indivíduos, pessoas humanas com seus direitos fundamentais inalienáveis, defeitos e qualidades próprias e um potencial imenso cujos limites são raramente conhecidos com precisão. Assim como as riquezas materiais devem ser pesquisadas e conhecidas em suas minúcias, os recursos humanos também precisam de levantamento que preceda um programa destinado a valorizá-lo e inseri-los no contexto da educação.

A formulação de políticas específicas, considerando a sua atualidade, meios e condições, terá que considerar o emprego de tecnologias as mais avançadas, bem como a experiência de nações industrializadas.

Quanto aos meios de comunicação de massa, sabemos que são os transformadores da sociedade contemporânea. Temos de evitar, porém, que o rádio, o teatro e o cinema, os periódicos e a televisão deformem aqueles que pretendemos educar. Precisamos utilizar os meios de comunicação social como educadores em potencial e de fato. Devemos direcionar o seu poder de persuasão e impedir que criem robôs, ao invés de mentes esclarecidas e capazes de criatividade.

Alunos e mestres estão inseridos em sua comunidade imediata e na sociedade em geral. A realidade nacional e internacional é divulgada na imprensa falada e escrita e se revela em forma sonora e visual nas telas

do cinema e da televisão. Da comunicação poderá vir a solução dos problemas causados pela "coisificação" do homem — isolado, animalizado, carente material e intelectualmente. Incomunicável e não solidário, muitas vezes revoltado e sem motivação, poderá ser alcançado pela educação através dos meios de comunicação de massa, que multiplicam os esforços e ampliam as salas de aula no tempo e no espaço.

O Brasil, nação em desenvolvimento, é também o terceiro país do mundo em telecomunicações. Não se compreende, portanto, que o ensino deixe de incorporar como instrumentos educativos as possibilidades imensas, oferecidas aos professores que se empenharem na utilização das conquistas tecnológicas que transformaram — e continuam modificando, sem diminuir o ritmo — o mundo contemporâneo numa autêntica "aldeia global".

As injustiças sociais, que na Antigüidade, no medievalismo e na Idade Moderna podiam ser disfarçadas e até ocultas, passaram ao domínio público. As desigualdades são conhecidas praticamente por todos e reveladas em suas nuances de som, forma e cor. Convencido de que a crítica leva à conscientização e a conscientização conduz à ação — O Professor Benno Sander afirmou recentemente, numa entrevista que concedeu à jornalista Sophia Wainer: "(...) uma das formas mais poderosas de conscientização e de preparação para a ação é a comunicação social."

Para nós, educadores que acreditamos em conscientizar e preparar para a vida, ensinando a ver, ouvir e sentir as mensagens pluridimensionais de nosso tempo, há novos instrumentos de trabalho — fac-símiles, cabos, ondas magnéticas, fios e satélites — substituindo, muitas vezes, não apenas o giz e o quadro-negro, como até mesmo a nossa voz já fatigada de repetir.

As telecomunicações multiplicam — em termos quantitativos e qualificativos também — os recursos colocados à disposição dos educadores, inclusive aqueles obtidos, com sucesso, em programas de cooperação com outras nações.

BIBLIOGRAFIA

- BAHIA, Juarez. *Jornal história e técnica*. MEC, 1964.
- CALMON, João. *A crise da televisão brasileira*. Brasília, Senado Federal, 1982.
- CAMPOS, Theresa Catharina de Góes. *O progresso das comunicações diminui a solidão humana ?* Rio, Lidador, 1970.
- CARNEIRO, Glauco. "Televisão — o desafio de servir à comunidade"; conferência. São Paulo, IMESP, 1978.

- CAVALCANTI, Manuel. "O cinema como objeto do direito". Rio, 1953.
- COMMAGNER, H. **A luta pela liberdade**. Rio, Lidador, 1965.
- CUNHA, Luís Antonio. **A universidade crítica**. Rio, Ed. Francisco Alves, 1983.
- DINIZ, Artur José Almeida. "A política e o Terceiro mundo; contradições políticas e econômicas contemporâneas". Belo Horizonte, *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio, Ed. Paz e Terra, 1975.
- FARHAT, Emil. **Educação, a nova ideologia**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2ª ed., 1975.
- FREITAG, Bárbara. **Escola, estado e sociedade**. São Paulo, Edart, 1977.
- GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio, Civilização Brasileira, 1976.
- _____. **El materialismo histórico y la filosofía de B. Croce**. México, Juan Pablos, 1975.
- GORDON, George. **Televisão Educativa**. Trad. de Jair Gramacho. Rio, Ed. Bloch, 1967.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL. Centro de Pesquisas. **Fimografia do Habitat Brasília**, CNPq/CED, 1982.
- MELLO E SOUZA, Alberto. **Financiamento da educação e acesso à escola no Brasil**. Rio, IPEA/INPES, 1979.
- NEVES, Carlos de Souza. "Sociedade, transição e futuro; vias intermediárias e fundamentais". Rio de Janeiro, 1982.
- OLIVEIRA, Betty Antunes. **O estado autoritário brasileiro e o ensino superior**. São Paulo, Cortez Editora, 1980.
- PENTEADO, Heloisa Dupas. "A televisão e os adolescentes: a sedução dos inocentes". São Paulo, Universidade de São Paulo.
- RODAS, João Grandino. **A publicidade dos tratados internacionais**. São Paulo, Revista dos Tribunais, 1980.
- SÁ, Irene Tavares de. **Cinema e educação**. Rio, Agir, 1967.
- SANDER, Benno. **Educação Brasileira: valores formais e valores reais**. São Paulo, Pioneira, 1977.
- SAVIANI, Dermeval. **Ensino público e algumas falas sobre universidade**. São Paulo, Cortez Editora, 1984.
- VIGGIANO, Alan. "Estudos de Comunicação moderna". DF, 1977.